

FATORES INTERNOS E EXTERNOS DE CRESCIMENTO DOS COREDES SERRA E FRONTEIRA OESTE: APLICAÇÃO DO MÉTODO ESTRUTURAL-DIFERENCIAL

Adayr da Silva Ilha¹

Rubia Cristina Wegner²

Michel Scheidt da Rosa³

Resumo: O trabalho compara as estruturas produtivas das regiões dos COREDE Serra e Fronteira Oeste no período de 1993 a 2002, por meio do método estrutural-diferencial modificado, que decompõe o dinamismo industrial nos fatores internos, competitividade interna e fatores externos, composição industrial regional. A metodologia permite identificar, mesmo em se tratando de regiões estagnadas, quais setores poderiam ser utilizados em um planejamento setorial eficiente para o crescimento econômico. Conclui-se que há determinantes endógenos para o crescimento industrial da Serra ao passo que, para a Fronteira Oeste, o método mostrou que, apesar da situação de atraso econômico, ela apresenta ramos industriais com certo dinamismo, sendo a agropecuária o setor com maior variação total positiva.

Palavras-chave: Desenvolvimento local; Método estrutural-diferencial modificado, Desigualdades regionais.

Abstract: The work analyzes the productive structure at Corede area west border, in order to identify the dynamics and stagnant areas, for that purpose was used the modified structural-differential method through the accounting definition relationships, showing that the less developed areas have got dynamics sectors, and from these, It would be possible to establish productive re-making projects. The method showed that according the economical situation delay, that one, shows dynamics and industrial fields, being the livestock farming the area with a high positive variation.

Key Words: Local development; West Border COREDE Region; Shift-share method

¹ Professor Adjunto, Doutor, do Departamento de Ciências Econômicas e do Curso de Mestrado em Integração Latino-Americana da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).Endereço Particular: Rua Três nº 95 - Alto da Colina - Bairro Camobi. CEP 97.110.675 Santa Maria, RS.E-mail:adayr@smail.ufsm.br.

² Acadêmica do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista BIC/FAPERGS. Rua Prof. Braga, 79 ap. 45, CEP 97.015.372 - Santa Maria, RS. rubiaeconomia@hotmail.com.

1- Introdução

A intensificação do processo de transnacionalização do capital produtivo e o gradual desfacelamento do Estado de bem-estar social determinaram uma nova abordagem à economia regional (Storper, 1994). O processo de globalização econômica conferiu intensificação das relações inter e intra-espaciais de modo que compreender o local perpassa a compreensão do seu caráter contraditório e individualizado. Nessa perspectiva, a internacionalização do capital produtivo desencadeia novas formas de concentração do mesmo, que culminam numa mundialização da concorrência e na flexibilização da produção e do mercado de trabalho, de maneira que o incremento da produtividade requer aceleração do progresso técnico (Chesnais, 2001).

Assim, as políticas regionais de desenvolvimento passam a se valer de aspectos específicos das regiões a fim de lograrem maior êxito. Dessa forma, o ponto de partida para o presente estudo foi às disparidades entre mesorregiões do estado do Rio Grande do Sul, precisamente entre os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDEs) Fronteira Oeste e Serra. Enquanto nesse se observam elevadas taxas de crescimento econômico e de nível de vida naquele ocorre o contrário. Essas assimetrias advêm da formação econômica dessas regiões, combinada a fatores exógenos, ocorridos no plano nacional, de modo que uma análise inicial de elementos históricos de ambas torna-se fundamental para compreender esse processo de diferenciação regional.

Todavia, o continuísmo dessa desigualdade provém de um relativo esquecimento da Fronteira Oeste, de políticas inadequadas à base dessa região, entre outros. A regionalização do Rio Grande do Sul em COREDEs (1994) deu-se com o intuito de trazer à discussão pública o preocupante quadro de estagnação econômica de uma parte significativa do estado, bem como definir políticas que considerassem o “potencial endógeno” dessas (Toni e Klarmann, 2002), ou seja, passariam a ser políticas “desde baixo” (Boisier, 1992), embora tenham posteriormente se transformado em delimitações para o orçamento participativo (Toni e Klarmann, 2002).

Nos últimos anos, principalmente após a delimitação dos COREDEs, a região da Fronteira Oeste vem recebendo maior atenção governamental e de pesquisadores com o intuito de reestruturá-la economicamente. Assim, o presente trabalho objetiva também apontar caminhos para tal, através da utilização do método estrutural-diferencial modificado, que ao

³ Acadêmico do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista BIC/FAPERGS. Rua Prof. Braga, 79 ap. 22, CEP 97.015. 372 - Santa Maria, RS. michelscheidt@bol.com.br.

fornecer um diagnóstico da estrutura produtiva regional permite inferir alternativas para projetos reestruturantes.

Com relação a Serra, apesar do elevado crescimento econômico e de índices de desenvolvimento relativamente superiores aos da Fronteira Oeste, coloca-se que apresenta especificidades instigantes a serem estudadas, bem como apresenta uma estreita vinculação com o baixo nível de desenvolvimento do outro Conselho desse estudo e servem de considerável elemento de comparação para implementação de futuros projetos de desenvolvimento na Fronteira Oeste. Dessa forma, o estudo não se volta apenas para a Fronteira Oeste, mas para ambos os COREDEs, num estudo comparativo.

O COREDE Fronteira Oeste pertence à região do estado com menor nível de desenvolvimento, de modo que apresenta importância no contexto histórico gaúcho, devido, principalmente, aos seus municípios fronteiriços com a Argentina e o Uruguai: Santana do Livramento, Uruguaiana, São Borja, Itaqui, sendo que as relações existentes entre esses e os países do MERCOSUL restringiam-se a tentativas de invasão por parte dos castelhanos, o contrabando, entre outros.

A fim de fornecer uma compreensão maior da sua estrutura produtiva, lançou-se mão do método estrutural-diferencial modificado que revela os fatores internos de crescimento, isto é, efeito competitivo, bem como os externos, efeito estrutural. A variável-base utilizada é a emprego, mensurada pelo pessoal ocupado no período de 1993 a 2002.

O trabalho foi estruturado em 3 seções, além desta introdução. Na seção 2 apresentam-se outros aspectos relativos às regiões dos COREDEs Serra e Fronteira Oeste, na 3 é detalhada a metodologia, na 4 têm-se as análises dos resultados e, por fim, na 5 tem-se as considerações finais.

2 – Caracterização das regiões dos COREDEs Serra e Fronteira Oeste

As transformações no regime de acumulação capitalista, iniciadas nos anos 1960 e 1970, mas intensificadas nos anos 1990, encetaram uma reestruturação produtiva que se refletiu em uma produção automatizada, flexibilização das relações trabalhistas, ou seja, questões do lado da oferta se tornaram preponderantes para a manutenção da lucratividade das empresas. (Lipietz, 1997) Na região do COREDE Serra, a maior diversificação produtiva existente permitiu maior estabilidade a sua base produtiva, isto é, ela enfrentou com maior solidez essa reestruturação (Breitbach, 2002).

Tal situação é peculiar da relação espaço-capital industrial, dada à decisão de localização das firmas e as economias de aglomeração que essa acarreta, especialmente às

circunvizinhanças. Nesse aspecto, os transportes desempenham importante papel quanto à localização residencial relativamente às firmas. De acordo com dados da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, Anuário Estatístico Rio Grande do Sul 2001.7, a aglomeração industrial de Caxias do Sul concentra 87,39% da população do Conselho, bem como 82,88% do PIB, 86,23% do valor adicionado bruto, no período 1996-2002.

A contigüidade territorial existente nessa região permitiu a troca de conhecimentos - interação entre as empresas, o que é importante para um maior dinamismo industrial. (Storper, 1994) Afinal, a proximidade geográfica, instituições informais comuns, proximidade de uma universidade (Rolim, 2004), aparato produtivo existente, são alguns dos elementos capazes de dinamizar uma região (North, 1990). Ressalta-se que essa proximidade geográfica é determinante de sinergias na região, primordiais para o desenvolvimento local (Boisier, 1992), dado que determina o crescimento endógeno (Barquero, 2002).

Nesse contexto, o crescimento econômico dos municípios agrícolas próximos da região de Caxias do Sul recebe influência do dinamismo industrial dessa, dado que boa parte deles fornece insumos à indústria, além do abastecimento às cidades, seja com alimentos, seja com mão-de-obra, constituindo um processo natural do capitalismo (Graziano da Silva, 1986; Mellor, 1973).

Ainda, a aglomeração industrial é importante para a nova economia regional (Krugman *apud* Blien e Wolf, 2002), uma vez que “*Industries seem to be appropriate aggregates for portraying heterogeneous developments on products markets and integrating product-specific productivity developments*” (Blien e Wolf, 2002, p.392).

Em relação à estagnação da Fronteira Oeste, tem-se que é necessário engendrar mecanismos capazes de incrementar a diversificação produtiva desse Conselho e, conseqüentemente, levar ao crescimento econômico equilibrado e sem vazamentos de renda para outras regiões. Para tal, torna-se importante diagnosticar essa estrutura produtiva regional no sentido de distinguir os ramos produtivos com maior dinamismo interno, além de evidenciar os melhoramentos necessários na infra-estrutura industrial e aumentar a qualificação da mão-de-obra local. Não obstante, a população deve participar ativamente desse projeto desenvolvimentista: “[...] cujos interesses fracionais ou de classe estejam subordinados estruturalmente a um interesse coletivo regional, expresso em reais projetos políticos, tanto de caráter permanente como transitório”.(Boisier, 1989, p. 595).

O dinamismo e a diversificação industrial da região do COREDE Serra procedem da colonização dos imigrantes italianos no século XIX. Essa colonização deu nova força à agricultura intensiva e em pequenas propriedades rurais, permitindo o surgimento de

comunidades com intensa vida social e econômica. (Ohlweiler, 1982) Enquanto que na Fronteira Oeste, desde o seu povoamento por meio de sesmarias distribuídas pela Coroa portuguesa a soldados, que a sua base econômica se constituiu especializada na agropecuária e dependente do consumo do centro do país, especialmente durante o ciclo da mineração. Não obstante, os estancieiros dessa região não possuíam empreendedorismo suficiente para ensejar inovações tecnológicas nesse setor ou diversificá-lo. Além disso, não se processaram transformações das relações trabalhistas, no sentido de possibilitar a constituição de um mercado consumidor regional de bens-salário. Afinal, o negócio era ter uma rentabilidade baixa, porém segura (Alonso et al, 1994).

Nesse contexto, na região da Serra, as práticas da agricultura familiar e da policultura ensejaram o mercado interno, o que, aliado ao desenvolvimento do artesanato praticado pelos colonos italianos, determinou uma industrialização diversificada, bem como encadeamentos entre indústria e agricultura o que evitou vazamentos de renda para regiões forâneas (Carrion Júnior, 1981). Dessa forma, à medida que a agricultura se desenvolveu, configurou o crescimento regional tanto pela indústria quanto pelos serviços.

Coloca-se ainda a inexistência de condições mínimas infra-estruturais para a constituição de um parque industrial relevante. A respeito desse problema da infra-estrutura – transportes, energia elétrica, comunicações – e mais especificamente da energia elétrica, expõe-se o quadro dessa região, em 1995, Hugo Giudice Paz denuncia, num relatório sobre a Metade Sul, p. 27: “[...] a usina termoeletrica de Alegrete nem um dia funcionou com sua capacidade plena. Não foi construída até hoje a rede de distribuição de energia pela região de sua influência”.

Ainda quanto à oferta de energia elétrica, o mapa de abastecimento encontrado no site da CEEE, evidencia a carência da transmissão dessa para fins industriais, nesta região, apenas rede básica, que é de 230Kv, e com apenas cinco subestações, somando-se ainda a inexistência de hidroelétricas e a inoperância da termoeletrica, de modo que a reduzida oferta de energia elétrica constitui num dos entraves para a constituição de um parque fabril.

Quanto aos transportes, há um número significativamente menor de rodovias pavimentadas em relação às demais regiões dos COREDEs mais industrializados do RS, sendo que não há rodovias duplicadas. A criação do MERCOSUL motivou uma expectativa de intensificar o fluxo de transportes de carga pesada na linha fronteira meridional, no caso dessa região, entre Uruguiana, São Borja, Itaqui, Santana do Livramento, Barra do Quaraí, Argentina e Uruguai (Köch, 1995). Todavia, o estabelecimento, nesses municípios de grandes

transportadoras internacionais encontrou entraves devido à burocracia, e à má qualidade das rodovias.

Não obstante, a maior distância geográfica observada entre os principais centros dessa região impede processos de interação e de cooperação entre as unidades produtivas, os quais seriam fundamentais, entre outros, para o estabelecimento de sinergias e de efeitos de transbordamento regionais e, a partir disso, de introdução constante de inovações, enfim, para o crescimento endógeno (Rolim, 2004; Barquero, 2002; Storper, 1994). A partir disso, seria possível a criação de sistemas locais de produção ou de inovação (Rolim, 2004; Governa e Salone, 2004).

O mecanismo substituição de importações intensificado no Brasil nas décadas de 1960 e 1970 impulsionou a industrialização local, sendo que o parque industrial dessa região formou-se a partir de ramos industriais tradicionais, como alimentos e bebidas, madeira e mobiliário, que se desenvolveram por meio de atividades artesanais em zonas rurais, permitindo que o seu crescimento se desse de modo lento e seguro. (Diégues Júnior, 1964) Em termos infra-estruturais, destaca-se a construção, em 1910, da via férrea ligando Caxias do Sul, desde então importante centro regional, a Porto Alegre, bem como o fornecimento de energia elétrica em 1913 (Breitbach, 2002).

Esse mesmo mecanismo na Fronteira Oeste, que enfrentava dificuldades econômicas em função da perda de competitividade da pecuária, tem seu quadro de estagnação econômica intensificado, de modo que ficou à margem do crescimento econômico ocorrido no eixo Porto Alegre/Caxias, configurando-se um quadro de declínio e até mesmo de esquecimento (Fonseca, 1983). Dessa forma, a urbanização nessa região se deu em função da inexistência de condições econômicas no meio rural para a sua população não-proprietária.

Assim, na Fronteira Oeste, contrariamente a Serra, não foi à riqueza das cidades que chamou a população rural para habitá-las, mas as precárias condições oferecidas pelo campo. Como a mão-de-obra não era qualificada para atividades industriais, esse êxodo rural ocasionou sérios problemas sociais nas cidades. Aliado a isso, o predomínio da monocultura e do latifúndio impediram a constituição tanto de um mercado consumidor de bens finais, quanto de bens intermediários, sendo esses últimos importantes para a industrialização (Kageyama e Graziano da Silva, 1987) e assim para a determinação de encadeamentos para trás e para frente entre os setores dessa economia regional e desse modo, a redução da dependência de regiões forâneas (Hoover, 1975; Souza, 1979; Carrion Júnior, 1981).

3 - Metodologia

A fim de acompanhar o crescimento da região estudada e os determinantes do dinamismo de seus setores, e, a partir disso, apontar os fatores de seu crescimento desigual, será utilizado o método estrutural-diferencial (*shift-share*). Esse descreve o crescimento regional quanto a sua estrutura produtiva, sendo inteiramente baseado em relações contábeis e definições, conforme Haddad, Andrade (1989). Essa metodologia enquadra-se no presente trabalho ao relacionar a heterogeneidade do desenvolvimento regional às estruturas regionais industriais (Blien e Hirschenauer, 1999).

Proposto inicialmente por Dun (1960), esse método desde então apresentou largo uso, principalmente com análise regional da mudança do emprego em escalas geográficas distintas (Esteban-Marquillas, 1972; Rigby e Anderson, 1993; Smith, 1991; Haynes e Dinc, 1997; Mulligan e Mollin, 2004; Wadley e Smith, 2003; Nazara e Hedwings, 2004; Dinc et al, 2003). No Brasil, mais especificamente, foi introduzido por Lodder (1972), desde então se tornou uma ferramenta importante da análise regional (Pereira e Campanille, 1999; Santos, 2000; Fochezatto, 2004), entre outros.

O efeito estrutural ou proporcional (P_{ij}) provém da composição industrial-regional, expondo a existência ou não de setores que no Corede são mais ou menos dinâmicos em termos de taxas de crescimento quanto ao conjunto da economia estadual. Se apresentar sinal positivo, houve especialização em setores dinâmicos estadualmente; em oposição, se boa parte da produção provier de setores com baixa taxa de crescimento, o efeito estrutural ou proporcional (P_{ij}) será negativo.

O efeito diferencial (D_{ij}) indica os setores que crescem ou decrescem mais rapidamente em numa região do que em outro, devido à existência de vantagens quanto à sua localização. Pode apresentar sinal positivo ou negativo para um dado setor, o que indica se o município apresenta vantagens ou desvantagens em relação ao Estado para a produção desse setor.

Pela soma desses componentes, obter-se-á o efeito total (T_{ij}) ou a variação líquida total (VLT). Esse permite mensurar a diferença entre o crescimento real ou efetivo apresentado pela região e o crescimento teórico que deveria apresentar, caso evoluísse à mesma taxa do Estado.

$$(A) T_{ij} = E_{ij}^0(e_i - e) + (2E_{ij}^0 - E_{ij}^t + E_{ij}^{t*} - E_{ij}^{0*})(e_{ij} - e_i) + (E_{ij}^t - E_{ij}^{t*} - E_{ij}^0 + E_{ij}^{0*})(e_{ij} - e_i)$$

Em que:

$$D_{ij}'' = (2E_{ij}^0 - E_{ij}^t + E_{ij}^{t*} - E_{ij}^{0*})(e_{ij} - e_i) \text{ Efeito Competitivo;}$$

$$A_{ij}' = [(E_{ij}^t - E_{ij}^{t*}) - (E_{ij}^0 - E_{ij}^{0*})](e_{ij} - e_i) \text{ Efeito Alocação;}$$

$$\begin{aligned} & \left[E_{ij}^0 (e_{ij} - e) \right] \text{Efeito Estrutural;} \\ & E_{ij}^{0*} = E_j^0 (E_i^0 \div E^0) \text{Emprego homotético;} \\ & R_{ij} = E_{ij}^t (1 \div e - 1 \div e_i) - \left[E_{ij}^0 (e_{ij} - e) \right] \text{Efeito Mudança.} \end{aligned}$$

Quando um setor i cresce mais na região j do que no Estado ($e_{ij} > e_i$), o efeito alocação pode ser alterado devido a uma modificação estrutural ocorrida no período em estudo. Essa modificação é evidenciada porque a diferença entre o emprego observado no final do período em relação ao esperado mostrou-se superior à diferença entre o emprego registrado no ano-base e o correspondente emprego esperado, ou seja, $E_{ij}^t - E_{ij}^{t*} > E_{ij}^0 - E_{ij}^{0*}$. Em outros termos, a variação real do emprego no período inicial cresceu mais que a variação esperada.

Destaca-se que o emprego homotético é aquele que a região teria, caso evoluísse a mesma taxa do Estado, introduzido por Esteban-Marquillas em resposta às críticas de Rosenfeld (1959) de que o efeito diferencial não é determinado apenas pelo dinamismo, mas também pela especialização. Enquanto o efeito mudança revela o impacto das modificações estruturais (inovações tecnológicas, qualificação da mão-de-obra etc.) sobre a estrutura produtiva regional no período em estudo, isto é, como a estrutura produtiva regional se adaptou a essas transformações.

As áreas mais dinâmicas são aquelas com vantagem competitiva especializada, ou seja, o setor i é mais representativo e cresce mais na região j do que no Estado como um todo. Contudo, uma variação alocativa positiva também pode indicar que a região j não é especializada nesse setor e cresce menos do que a média estadual. Da mesma forma, efeito alocação negativo pode mostrar duas alternativas: a) desvantagem competitiva especializada, setor i mais concentrado na região j , mas cresce menos que a média estadual; e b) vantagem competitiva não especializada, setor i é menos concentrado na região e cresce mais do que a média estadual.

Todavia, o método recebeu várias críticas, que se resumem à não consideração do tempo, da estrutura demográfica, do nível de produtividade da mão-de-obra. Além disso, a região é tratada isoladamente das outras (Rigby e Anderson, 1993; Nazara e Hedwings, 2004; Wadley e Smith, 2003). Entretanto, essa metodologia continuou sendo uma ferramenta importante na economia regional e urbana, embora modificações tenham sido introduzidas: emprego homotético (Esteban-Marquillas, 1972) e, por conseguinte, o efeito alocação; variação proporcional revertida (Stiwell, 1969) e correspondente efeito mudança. Há outras

modificações como efeito de variação da produtividade (Rigby e Andersen, 1993), entre outras.

4 – Análises dos resultados

A Tabela 1 mostra que a estrutura produtiva da Fronteira Oeste incrementou o número de empregos para indústria metalúrgica, material elétrico e de comunicações, borracha/fumo/couro, alimentos e bebidas, comércio varejo, transporte e comunicações, serviços médico/odonto/veterinário, ensino, administração pública e agricultura. Portanto, os setores do terciário são mais importantes na geração de empregos, embora empregos industriais também tenham sido criados.

Para o emprego, foram os fatores internos representados pelo efeito alocação, nesse caso, os responsáveis pelo crescimento efetivo do emprego, embora apenas os ramos, extrativa mineral, indústria metalúrgica, borracha/fumo/couro, alimentos e bebidas, serviços industriais de utilidade pública, e ensino apresentaram vantagem locacional correspondente ao efeito competitivo. Ao passo que para o número de estabelecimentos, foram fatores externos e internos responsáveis pelo crescimento efetivo, em que todos os ramos, exceto agricultura, apresentaram vantagem locacional do que se infere a importância e a queda de dinamismo da mesma nessa região. Ressalta-se que os ramos industriais apresentaram variação total positiva maior do que a dos de serviços e comércio.

A estrutura produtiva da região da Serra, por sua vez, apresentou incremento de empregos de maneira mais uniforme, ou seja, em todos os setores se observou variação líquida total positiva, embora no de comércio e serviços esse movimento tenha sido mais intenso, assim, indústria mecânica, calçadista, serviços industriais de utilidade pública e instituições financeiras reduziram o número de empregos gerados (Tabela 2). Para o número de estabelecimentos, todos os ramos produtivos obtiveram crescimento efetivo do emprego, embora em menor proporção do que os empregos gerados.

Nessa perspectiva, para o emprego a variação líquida total foi positiva devido à combinação de fatores internos e externos de crescimento, sendo que apenas extrativa mineral, indústria mecânica, material de transporte, madeira e mobiliário, indústria calçadista, serviços industriais de utilidade pública, ensino e agricultura apresentaram vantagem competitiva nesse COREDE. Para o número de estabelecimentos, a variação líquida foi positiva devido à combinação de fatores internos e externos de crescimento, em que os externos foram maiores.

O crescimento real do emprego na agropecuária na Fronteira Oeste deveu-se aos efeitos alocação, estrutural e mudança, ou seja, essa região apresenta considerável potencial de evolução nesse setor, dado que apresenta vantagens competitivas e modificações estruturais ao longo do período que podem fazê-lo crescer ainda mais. A questão que se coloca é que a elevada concentração de renda e de terras existente nessa região (ENGEVIX, 1997) determina a pobreza de boa parte da população rural não-proprietária, ademais a especialização demasiada na pecuária e orizicultura impede a constituição de um mercado de bens intermediários, ou melhor, dificulta a industrialização dessa região.

Na Fronteira Oeste (Tabela 1), comércio e serviços apresentaram crescimento efetivo do emprego na maioria dos ramos produtivos, comparativamente ao setor industrial, quais sejam: comércio varejo, transporte e comunicações, serviços médico/odonto/veterinário, administração pública, ensino e agricultura. Ao passo que na Serra, esses setores tenham sido mais importantes na absorção da mão-de-obra, em que os ramos comércio varejo, administração técnica profissional, transporte e comunicações, alojamento comunitário, serviços médico/odonto/veterinário, ensino e administração pública.

Tabela 1 - Método estrutural-diferencial modificado para a Fronteira Oeste.

Setores	Alocação	Competitivo	Estrutural	Mudança	Total
Extr min	0,38	15,36	-25,65	-1,89	-9,91
Min n met	45,79	-138,41	5,15	-3,22	-87,47
Ind met.	31,18	24,57	-10,28	-3,18	45,47
Ind mec	207,31	-477,67	10,41	-8,52	-259,96
Elet e com	-0,07	-0,38	0,73	-0,10	0,27
Mat transp	17,14	-51,23	4,69	-3,04	-29,41
Mad e mob	917,38	-1.985,20	116,97	-104,34	-950,86
Papel e graf	32,20	-219,28	102,63	-53,99	-84,45
Bor fum co	49,99	32,22	-21,59	-9,73	60,62
Ind Quim	26,38	-73,62	8,63	-6,03	-38,6
Ind textil	248,35	-594,99	-107,41	78,35	-454,06
Ind calç	208,16	-413,63	-68,87	64,37	-274,33
Alim e beb	73,84	89,71	555,96	-44,73	719,52
Ser util pub	3,50	62,37	-120,38	2,89	-54,51
Constr civil	2,70	-737,46	568,83	-272,36	-165,94
Com varej	-804,76	-2.199,97	4.444,66	-1.176,24	1.439,94

Com atacad	36,42	-501,04	99,95	-33,03	-364,67
Inst financ	28,60	-103,03	-728,89	137,87	-803,32
Adm tec prof	1.310,39	-3.748,23	-363,99	218,83	-2.801,83
Tran e com	-152,15	-378,28	848,25	-220,52	317,82
Aloj comunit	146,07	-1.167,88	-193,72	61,21	-1.215,53
Med od vet	403,98	-64,96	1.291,85	-39,26	1.630,88
Ensino	-770,78	630,46	1.754,53	-306,73	1.614,21
Adm pub.	46.902,11	-31.642,55	4.628,12	3.190,09	19.887,68
Agricultura	4.493,45	-1.071,67	3.505,53	584,10	6.927,31
Total	53.457,56	-44.714,79	16.306,11	2.050,80	25.048,87

Fonte: RAIS/MTE para 1993 a 2002.

Portanto, apesar de na Fronteira Oeste comércio e serviços constituir o principal empregador, em boa parte dos ramos a absorção mão-de-obra ocupada é inferior a da Serra, principalmente em transporte e comunicações (-89,60%), serviços médico/odonto/veterinário (-53,67%), comércio varejo ensino (-56,77%) e administração pública (-75,46%). Nessa perspectiva, coloca-se que para a Fronteira Oeste os empregos gerados nesses segmentos são expressivos e devidos em boa parte efeito alocação: especialização em setores com vantagens competitivas regionais, embora transporte e comunicações em que se esperava um desempenho melhor com a abertura das fronteiras para os países-membros do MERCOSUL (Koch, 1995) tenha reduzido o número tenham de empregos gerados em 220, 52, enquanto que na Serra, esse ramo produtivo aumentou em 3.153,50 o número de empregos.

O método utilizado com a variável-base número de estabelecimentos evidenciou a assimetria existente entre ambos, haja vista que na Serra foram criados praticamente o dobro de estabelecimentos da Fronteira Oeste, no que se destacam os ramos produtivos industriais, como indústria metalúrgica, madeira e mobiliário, indústria têxtil, alimentos e bebidas e construção civil. Ademais, para os ramos de comércio e serviços a Serra também foi superior na variação total líquida positiva. Por outro lado, a Fronteira Oeste apresentou vantagens locacionais para a criação de estabelecimentos, principalmente para os de comércio e serviços, embora tenha representado 81,78% menos estabelecimentos em relação a Serra.

Tabela 2 - Método estrutural-diferencial modificado para todos os setores da Serra.

Setor	Alocação	Competitivo	Estrutural	Mudança	Total
Extr mineral	586,59	-45,64	-126,70	-159,37	414,25
Mín não met	5,27	-35,85	56,76	-7,96	26,18

Ind metalúrg	412,46	2313,61	-1276,62	-60,97	1449,46
Ind mec.	1227,68	-4642,44	322,29	-130,11	-3092,46
Elet e comun	856,82	570,24	62,52	21,96	1489,58
Mat transp	-23,63	-131,42	1285,04	-172,16	1129,99
Mad e mobil	-62,35	-652,66	1746,66	-277,93	1031,65
Papel e gráf	502,17	626,55	725,73	157,44	1854,45
B.F.C.	-5,81	1067,66	-941,47	-44,19	120,38
Ind química	1694,87	1062,46	514,36	222,04	3271,69
Ind têxtil	138,13	1268,60	-1235,61	-105,44	171,12
Ind calçados	1548,78	-4338,05	-2524,13	1013,59	-5313,40
Alim e beb	715,85	2384,46	1879,66	251,48	4979,96
Ser util pub	263,43	-527,60	-126,97	64,80	-391,14
Constr civil	847,87	2010,23	1357,04	620,34	4215,15
Com varej	-765,38	3015,80	5785,87	-224,32	8036,29
Com atacad	-146,67	963,97	181,09	13,34	998,39
Inst financ	21,31	594,71	-1628,70	-173,15	-1012,67
Adm tec prof	-210,64	2706,62	-649,74	-88,97	1846,24
Tran e com	-150,24	994,56	2309,18	-102,74	3153,50
Aloj comunic	-345,82	3100,74	-401,89	-47,78	2353,02
Med od. vet	-80,19	258,72	3224,62	-334,89	3403,15
Ensino	531,74	-865,99	4620,52	-830,39	4.286,28
Adm pública	-26548,37	29047,74	7780,83	691,62	10.280,20
Agricultura	578,61	-1143,80	1.669,48	-388,54	1.104,29
Total	-18.407,52	39.603,22	24.609,82	-92,30	45.805,55

Fonte: RAIS/MTE para 1993 a 2002.

De um modo geral, o método estrutural diferencial modificado mostrou que a Fronteira Oeste apresentou um desempenho bom no período, logo, apresenta potencial para revitalização, embora investimentos maciços em tecnologia, qualificação da mão-de-obra e infra-estrutura devam ser realizados. A partir dos resultados do método, coloca-se que num projeto regional de desenvolvimento deveriam ser considerados os ramos da indústria metalúrgica, material elétrico e de comunicações, borracha/fumo/couro, alimentos e bebidas, construção civil, serviços médico/odonto/veterinário e agricultura.

Da aplicação do método estrutural diferencial modificado, somente para os setores industriais para essas duas regiões (Tabelas 1 e 2), as diferenças entre elas são consideráveis. Na Serra apenas dois ramos não cresceram em termos reais, indústria mecânica e calçadista, ou seja, apresentaram variação total líquida do emprego negativa. Na Fronteira Oeste, por outro lado, apenas quatro apresentaram crescimento efetivo do emprego, quais sejam: indústria metalúrgica, borracha/fumo/couro, material elétrico e de comunicações e alimentos e bebidas.

Tabela 3 – Decomposição do método estrutural diferencial modificado para a indústria da Fronteira Oeste.

Setor	Alocação	Competitivo	Estrutural	Mudança	Total
Extr mineral	2,05	15,37	-25,03	-2,51	-7,61
Min não met	41,64	-132,21	5,08	-3,14	-85,49
Ind metalúrg	49,75	7,43	-10,08	-3,37	47,10
Ind mec.	195,38	-467,56	10,34	-8,45	-261,84
Elet e comun	0,75	1,14	0,67	-0,04	2,56
Mat transp	13,01	-44,80	4,48	-2,84	-27,31
Mad e mobil	910,65	-1.994,81	116,73	-104,10	-967,43
Papel e gráf	36,08	-219,92	101,86	-53,23	-81,97
B.F.C.	76,91	6,43	-21,25	-10,07	62,09
Ind química	23,51	-68,57	8,32	-5,73	-36,74
Ind têxtil	232,49	-581,29	-107,01	77,96	-455,81
Ind calçados	94,40	-315,59	-68,36	63,86	-289,55
Alim e beb	74,43	87,13	555,46	-44,24	717,02
Total	1.751,05	-3.707,25	571,21	-95,9	-1.384,98

Fonte: RAIS/MTE de 1993 a 2002.

Destaca-se, que na Fronteira Oeste os setores mais expressivos em termos de geração de crescimento estão concatenados com a agropecuária, e na Serra são aqueles setores que dependem de inovações técnicas, investimentos, mão-de-obra qualificada, isto é, de um

entorno favorável à incorporação de novas tecnologias e gerador de externalidades (Lundvall, 1992).

Por outro lado, a competitividade (efeito competitivo) da Serra, diferentemente da Fronteira Oeste, para a indústria foi positiva, o que não obrigatoriamente representa superioridade em termos de dinamismo econômico dessa região. Afinal, a reestruturação produtiva ensejaria maior variação numa região mais industrializada por conta da imposição de uma necessidade contínua de maior competitividade, ou seja, redução de custos, implicando em demissões ou flexibilização das relações trabalhistas.

Tabela 4 – Método estrutural-diferencial modificado para a indústria do COREDE Serra.

Setores	Alocação	Competitivo	Estrutural	Mudança	Total
Extr. Min.	709,84	-168,89	-110,46	561,94	430,49
Min ã metal	8,46	-39,04	116,98	-4,34	86,40
Ind. Metal.	401,57	2.324,51	-755,07	337,1	1.971,00
Ind.Mec.	1.400,33	-4.815,09	682,92	1139,26	-2.731,84
Elet e com.	767,41	659,65	151,10	827,82	1.578,16
Mat. Transp	-18,79	-136,26	1.784,59	-202,41	1.629,54
Mad Mob	-25,81	-689,19	2.327,58	-325,94	1.612,57
Papel e graf.	69,88	1.058,84	800,53	278,51	1.929,24
B.F.C.	43,28	1.018,57	-722,04	-17,75	339,80
Ind. Quím.	1.085,14	1.672,19	646,56	1397,48	3.403,89
Ind. Têxtil	187,02	1.219,71	-990,43	63,91	416,30
Ind. Calç.	1.021,06	-3.810,33	-2.130,63	1830,87	-4.919,90
Alim e Beb	-176,01	3.276,32	2.177,13	203,87	5.277,43
Total	5.473,38	1.570,99	3.978,76	6.090,32	11.023,08

Fonte: RAIS/MTE para 1993 a 2002.

Uma economia regional para crescer e, mais ainda, se desenvolver deve ser capaz de internalizar o seu dinamismo econômico, ou seja, evitar vazamentos de renda para regiões forâneas (Haddad, 1975; Carrion Júnior, 1981). Nessa perspectiva, devem existir na mesma, elementos que de acordo com o paradigma atual do desenvolvimento endógeno estariam relacionados, principalmente com as condições para fomentar o aprendizado interativo constante (Lundvall, 1992), uma vez que a partir disso as inovações tecnológicas/imitações determinariam efeitos de transbordamento sobre a malha produtiva regional (Governa e Salone, 2004) e, conseqüente crescimento.

A partir do efeito alocação (Tabela 3), observa-se que na Serra há maior número de ramos produtivos industriais com vantagem competitiva especializada, isto é, que apresentam fatores internos de crescimento e que mantêm um crescimento contínuo maior nessa região do que no Estado. Esses ramos foram: extrativa mineral, indústria metalúrgica, material elétrico e de comunicações, papel e gráfica, borracha/fumo/couro, indústria química, indústria têxtil, alimentos e bebidas e construção civil. Na Fronteira Oeste, por sua vez, nenhum ramo apresentou vantagem competitiva especializada, embora a estrutura produtiva industrial de ambas tenha mostrado desvantagem competitiva especializada, ou seja, existência de especialização industrial, mas com taxa de crescimento inferior à estadual.

Tabela 4 – Efeito Alocação para indústria Fronteira Oeste e Serra.

Setor	Serra				Fronteira Oeste			
	EA	ES	VC	Resul	EA	ES	VC	Resul
E.min	+	+	+	V.C.E.	-	-	+	V.C.N.E.
M ã met	-	+	-	D.C.E	+	-	-	D.C.N.E
I.metal	+	+	+	V.C.E.	-	-	+	V.C.N.E.
I. mec.	+	-	-	D.C.N.E	+	-	-	D.C.N.E
Elet com	+	+	+	V.C.E.	-	-	+	V.C.N.E.
Mat tran.	-	+	-	D.C.E	+	-	-	D.C.N.E
M. mob	-	+	-	D.C.E	+	-	-	D.C.N.E
Pap graf	+	+	+	V.C.E.	+	-	-	D.C.N.E
BFC	+	+	+	V.C.E.	-	-	+	V.C.N.E
I.quim	+	+	+	V.C.E.	+	-	-	D.C.N.E
I.Têx	+	+	+	V.C.E.	+	+	-	D.C.N.E
I. calç.	+	-	-	D.C.N.E	+	-	-	D.C.N.E.
A.B.	+	+	+	V.C.E.	-	-	+	V.C.N.E.
SIUP	+	-	-	D.C.N.E	+	-	-	D.C.N.E.
C civil	+	+	+	V.C.E.	-	-	+	V.C.N.E.

Total	-	+	-	D.C.E.		-	+	-	D.C.E.
--------------	---	---	---	---------------	--	---	---	---	---------------

Fonte: Dados Brutos: RAIS/MTE 1993-2002.

Portanto, deveria existir integração funcional e relação de interdependência entre os setores, que podem ser entendidas como sendo os efeitos de ligação, para trás e para frente, (Hoover, 1975), ou seja, equivalem à geração e economias externas, além de representarem importante mecanismo para evitar vazamentos de renda e, por conseguinte, para internalizar o crescimento econômico.

Nesse sentido, na Fronteira Oeste (Tabela 1), por exemplo, ramos relacionados a imóveis, como construção civil, madeira e mobiliário, administração técnica profissional, não encontraram vantagem competitiva regional, enquanto na Serra (Tabela 2), apenas madeira e mobiliário não encontrou vantagens locais.

As duas regiões desse estudo são bastante diferentes entre si, sendo que a Fronteira Oeste possui um agravante, qual seja, a distância geográfica entre os principais centros. Dessa forma, os pressupostos da região que aprende e, portanto, daquelas que ganham (Benko e Lipietz, 1994) encontram uma barreira complexa de ser removida nessa região. Afinal, a maior distância geográfica dificulta a interação entre as unidades produtivas locais, embora essa região apresente inexpressivo parque industrial (dados da RAIS/MTE www.mte.gov.br), bem como mão-de-obra qualificada.

Nesse contexto, o recomendável seria a criação de agroindústrias que, através de menor montante de investimentos, gerariam maior número de empregos e renda interna, não obstante, a implantação de incubadoras tecnológicas via universidade (Barquero, 2002). Dessa maneira, caminhar-se-ia na direção de uma industrialização mais sólida e com maior participação da comunidade local, sendo que o maior nível de desenvolvimento agrícola determinaria a criação de um mercado para indústria local, bem como fixação do homem no campo.

5 - Considerações finais

O método estrutural-diferencial modificado mostrou que para a região do COREDE Fronteira Oeste há vantagens locais e maior crescimento efetivo do emprego para os setores da indústria metalúrgica, alimentos e bebidas, borracha/fumo/couro. Dessa forma, um projeto de reconversão produtiva para essa região deveria orientar certo volume de investimentos a esses ramos com o fito de impulsionar infra-estrutura necessária, apoio fiscal para instalação de empresas e qualificação da mão-de-obra local para o trabalho industrial.

Ainda, a agropecuária, embora tenha representado 27,66% dos empregos gerados, não encontrou vantagens competitivas o que reforça a necessidade de fomentar a sua diversificação e a criação de agroindústrias como forma tanto para fixar a população rural não-proprietária no campo quanto para criar efeitos de encadeamento sobre a indústria. Ressalta-se que a partir disso, diversificação produtiva deve se dar também no setor industrial.

Ademais, há pouca expressividade industrial, tanto em relação à competitividade, infra-estrutura, nível de escolaridade da mão-de-obra, incentivo fiscal, quanto à composição setorial, haja vista que setores dinâmicos no Estado não se fazem presentes na economia desses municípios. Acrescenta-se em relação à agricultura, que se deveria direcionar mais atenção a esse setor, afinal, além de empregar considerável percentual da mão-de-obra a região, o aumento da produtividade do mesmo seria interessante no âmbito das relações comerciais com os países integrantes do MERCOSUL.

A região do COREDE Serra apresentou efeito competitivo positivo, efeito estrutural 50,92% e crescimento efetivo do emprego de 82,86% superiores aos correspondentes da Fronteira Oeste. Observou-se que a indústria mecânica, ramo industrial considerado dinâmico nessa região reduziu em 3.092,46 o número de empregos gerados, por conta de fatores externos, isto é, o Estado não apresentou dinamismo nesse ramo. Não obstante, os setores comércio e serviços apresentaram considerável participação positiva na absorção de mão-de-obra.

De um modo geral, a região da Serra apresentou significativas assimetrias quanto aos níveis de desenvolvimento, o que pode estar relacionado com um processo de industrialização desproporcional que concentrou riquezas, deixando alguns municípios à margem. Portanto, um projeto desenvolvimentista deve ensejar a reordenação econômica desse território, ou seja, impulsionar, principalmente, os fatores endógenos de crescimento desses municípios, redistribuição mais homogênea do dinamismo industrial da região de Caxias do Sul.

Um projeto de desenvolvimento na região de Caxias do Sul deve buscar o aumento da cooperação entre os agentes locais, haja vista que o individualismo empresarial (Breitbach, 1997) ainda é preponderante na difusão do crescimento econômico dessa região. O dinamismo da região de Caxias do Sul poderia ser estendido aos demais municípios do COREDE Serra por meio de um corredor produtivo, capaz de levar-lhes a inovação tecnológica, bem como empresas que alavancariam o seu dinamismo econômico – economias de aglomeração.

Não obstante, o método apontou que a Fronteira Oeste sua estrutura produtiva está em condições melhores do que as esperadas, sinalizando ramos produtivos que poderiam ser prioritários num projeto de desenvolvimento regional: alimentos e bebidas, serviços médico/odonto/veterinário e agricultura.

A reconversão produtiva dessa região perpassa por um projeto que diversifique a produção e que o faça através de pequenas e médias propriedades, inicialmente. Ademais, devem estabelecer-se interdependências setoriais, pois as trocas, as inovações tecnológicas advindas disso, propagar-se-iam com eficácia maior (Souza, 1979). Todavia, o grande capital, ou seja, a grande empresa não deve ser excluída desse projeto de reconversão, uma vez que é fonte indispensável para crescimento econômico ao longo do tempo, além de ser propulsora na incorporação de novas tecnologias.

A maior interdependência setorial permitirá uma propagação maior do multiplicador de investimentos nessa economia regional e, por conseguinte, possibilidade de instalação de um número maior de empresas, aumentando a renda monetária dessa população.

Outra alternativa dar-se-ia pela instalação de sistemas locais de produção: esses aglomerados de empresas poderiam ser incentivados para aumentar o crescimento econômico da Fronteira Oeste (indústria, principalmente). Todavia, no caso dessa região, o governo precisaria intervir para criar um ambiente propício para o estabelecimento dos mesmos, quais sejam: mão-de-obra qualificada, mercado consumidor interno, condições infra-estruturais, agentes locais comprometidos com a região, aparato institucional eficiente. Enfim, essa seria uma alternativa mais de longo prazo, mas poderia ser encarada como um objetivo.

No contexto de reestruturação produtiva e crescente imbricação entre território e tecnologia, a resolução de assimetrias regionais deverá, de um modo geral, considerar as especificidades locais, incluindo-se a estrutura produtiva, afinal essas assimetrias serão mais facilmente corrigidas localmente do que globalmente. Dessa maneira, os ramos produtivos apontados para cada região neste estudo como dinâmicos devem ser objeto de investimentos produtivos, no sentido de incrementar a competitividade dos mesmos, como infra-estrutura viária e de comunicação, qualificação da mão-de-obra e incentivo às respectivas universidades regionais para apoio crescente e continuado em atividades de pesquisa, especialmente incubadoras tecnológicas.

6 -Referências Bibliográficas

ALONSO et al. **Crescimento econômico da região Sul:** causas e perspectivas, FEE, Porto Alegre, 229p. 1994.

ALVES, F. D.; ILHA, A. S. **A necessidade de uma política regional comum no MERCOSUL.** Relatório de Pesquisa para a FAPERGS. Santa Maria, 2002. 111p.

ANDRADE, T. A.; LODDER, C. A. **Sistema urbano e cidades médias no Brasil.** IPEA/INPES, Rio de Janeiro, n. 43, 146p. 1979.

ANDREOLI, Dejalme. As desigualdades regionais do Rio Grande do Sul. **Indicadores FEE**, v. 17, n. 2, Porto Alegre, 1989.

BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização:** na aurora do século XXI. São Paulo, Hucitec, 1999, 2ªed. 266p.

BLIEN, U.; WOLF, K. Regional development of employment in eastern Germany: an analysis with an econometric analogue to shift-share techniques. *Papers in Regional Science*, v. 81, 391-420p. 2002.

BOISIER, Sergio. Modernidad y Territorio. Santiago do Chile: ILPES. **Cuadernos del Instituto Latinoamericano y del Caribe de Planificación Económica y Social**, n. 42, 1996.

BOISIER, Sérgio. Política econômica, organização social e desenvolvimento regional. In: HADDAD et al (Orgs). **Economia Regional:** teorias e métodos de análise, Fortaleza, 1984.

BORBA, Sheila Villanova. Impacto urbano das transformações da economia industrial na região Nordeste do Rio Grande do Sul. **Impactos sociais e territoriais da reestruturação econômica do Rio Grande do Sul.** FEE, Porto Alegre, jun/1999. 115-146p.

BREITBACH, Áurea C. M. A dimensão espacial nos estudos de economia regional, no Brasil: temas e interrogações recentes. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 25, n.1, p. 171-202, abr./2004.

BREITBACH, Áurea C. M. Mudanças tecnológicas e efeitos estruturais: a região de Caxias do Sul como objeto de estudo. **Indicadores Econômicos**, Porto Alegre, v.25, n.1, p.178-201, 1997.

BREITBACH, Áurea C. M. **Estudo sobre o conceito de região.** Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1988. 96p.

BREITBACH, Áurea C. M. Sobre o desenvolvimento da região de Caxias do Sul. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 23, p. 421-442, 2002. Número Especial.

CARRION JUNIOR, Francisco Machado. **RS: política econômica e alternativas**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981. 132p.

CORREA, S. M. S. **Capital social e desenvolvimento regional**. EDUNISC, Santa Cruz do Sul, 2003, 334p.

COSTA, Rogério Haebaert. **RS latifúndio e identidade regional**. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1988. 104p.

DE PAULA, J.A. et al. Ciência e tecnologia na dinâmica capitalista: a elaboração neo-schumpeteriana e a teoria do capital. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 23, n.2, p. 825-844, 2002.

DE TONI, J; KLARMANN, H. **Regionalização e planejamento, reflexões metodológicas e gerenciais sobre a experiência gaúcha**. I Encontro de Economia Gaúcha. FEE/PUCRS, Porto Alegre, 2002.

DISSART, J.C. Regional economic diversity and regional economic stability: research results and agenda review. *International Regional Science Review*. 26, 4: 423-446. Out. /2003.

DUNN, E.S. A statistical and analytical technique for regional analysis. *Papers of the*

ENGEVIX **Plano de reestruturação econômica para a Metade Sul do Rio Grande do Sul – Relatório Final**, Engevix Engenharia s/c Ltda. 1997.

ESTEBAN-MARQUILLAS, J.M. A reinterpretation of shift-share analysis. **Regional and Urban Economics**, v.2, n.3, p.249-255, 1972.

FAFFESTEIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Rio de Janeiro, Ática. Tradução FRANÇA, Maria Cecília, 1993. 269p.

FONSECA, Pedro C. Dutra. **RS: economia e conflitos políticos na Republica Velha**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. 143p.

GOVERNA, F.; SALONE, C. Territories in action, territories for action: the territorial dimension of Italian local development policies. *Journal of Urban and Regional Research*, v. 28, n. 4, 796-818p. Dez./2004.

GRAZIANO, Jose da Silva. *O que é questão agrária?*. Brasiliense, São Paulo. 1986. 185p.

HADDAD, P.R.; ANDRADE, T.A. Método de Análise Diferencial-Estrutural. In: HADDAD et al.(Orgs). **Economia Regional: teorias e métodos de análise**, Fortaleza, 1984.

HANSEN, Dean Lee. Tecnologia e mudança espacial. **Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, n. 2, v. 2, jul.ago 2000.

HANSEN, Dean Lee. Tecnologia e mudança espacial. **Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**. V. 2, n. 2, jul./ago 2000.

HAYNES, K.E.; DINC, M. Productivity Change in Manufacturing Regions: a multifactor/shift-share approach. *Growth and Change*, v. 28, 201-221p. 1997.

HERZOG, H. W.; OLSEN, R. J. Shift-share analysis revisited: the allocation effect and the stability of regional structure, a reply. **Journal of Regional Science**, v.19, n.3, p.393-395, 1979.

HIRSCHMAN, Albert O. **Estratégia do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura. 1960. 322p.

HOOVER, Edgar M. *An introduction to Regional Economics*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1975, 2^a ed. 395p.

KAGEYAMA, A.; GRAZIANO DA SILVA, J. **A dinâmica da agricultura brasileira: do complexo rural aos complexos agroindustriais**. IE/UNICAMP, Campinas, 1987. 54p.

KORT, John R. Regional economic instability and industrial diversification in the U.S. **Land Economics**, 57, 596-608p. 1981.

KÜHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. Novo Século, Porto Alegre, 2002. 160p.

LEHNEN, A. C. et al. O espaço fronteira Brasil-Uruguai. In SEITENFUS, V.M.P.; DE BONI, L. A. (Orgs.) **Temas de Integração Latino-Americana**. Vozes, Petrópolis, 282p. 1990.

LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço**. Nobel, São Paulo, 1988. 209p.

LIPIETZ, Alain. O mundo pós-fordismo. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v.24, n.4, p. 79-130. 1997.

LODDER, Celsius Antonio. Crescimento da ocupação regional e seus componentes. In FERREIRA, C. M. de C. *et al (Orgs.)*. **Planejamento regional e aplicação ao caso brasileiro** Rio De Janeiro, IPE/INPES: 1974. 2^a ed. 244p.

LÖSCH, August. **Teoria da Economia Espacial**. El Ateneo, Buenos Aires, 1994. 535p.

- LUNDVALL, B.A. User-producer relationships and national systems of innovation. In: LUNDVALL, B.A. (Org.). **National system of innovation: towards a theory of innovation and interactive learning**. London: Pinter, 1992.
- MULLIGAN, G. F.; MOLIN, A. Estimating population change with a two-category shift-share model. *Annals Regional Science*, 38, 113-130. 2004.
- NAZARA, S. ; HEDWINGS, G.J.D. Spatial Structure and Taxonomy of Decomposition in Shift-Share Analysis. *Growth and Change*, v. 35, n. 4, 476-490p. 2004.
- NORTH, Douglas. Location theory and regional economic growth. **Journal of Political Economy**, v. 63, n. 3, 243-258p, jun./1955.
- NORTH, Douglas. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge, 1990. Cambridge University.
- OHLWEILER, Otto Alcides. Sobre o processo do desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, vol. 3, n. 1, p. 5-40, 1982.
- OHMAE, Kenichi. **O fim do Estado-Nação**. São Paulo, Editora Campus, 1996. 214p.
- OLIVEIRA, B.O.; LIMA, J.E.S. Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 6, n.2, p. 29-37, maio/dez. 2003.
- PEREIRA, A.S.; CAMPANILE, N. O método estrutural-diferencial modificado: uma aplicação para o Estado do Rio de Janeiro entre 1986 e 1995. **Teoria da Evidência Econômica**, Passo Fundo, v.7, n. 13, p.121-140, 1999.
- ROLIM, Cássio. É possível a existência de sistemas regionais de inovação em países subdesenvolvidos? **TD Nereus**, 06, 1-20p. 2004
- ROSENFELD, F. Commentaire L'exposé de M. Dunn. **Economie Appliquée**, v. 4, 531-534p. 1959.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis, Vozes, 1979. 152p.
- SANTOS, Sandro Rogério dos. O método estrutural-diferencial ampliado: uma aplicação para a região sul frente à economia do Rio Grande do Sul entre 1986-1995. **Revista Teoria da Evidência Econômica**, v.8, n.15, p. 25-45. Nov./2000.
- SILVA, Ana Rita Moro da. **O Rio Grande do Sul frente ao processo de integração econômica e regional, políticos e perspectivas**. Dissertação de Mestrado em Ciência Política, UFSM, Santa Maria. 1996.208p.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Dos espaços rurais aos territórios: o papel da organização sócio-territorial. In: SILVA, S.B.M.; SILVA, B.N. **Estudos sobre globalização, território e Bahia**. UFBA, Salvador, 2003. 117-130p.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. O problema regional brasileiro: velhas e novas questões. In: **ver**

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Organização sócio-territorial e dinâmica dos lugares e regiões. In: SILVA, S.B.M.; SILVA, B.N.(Orgs.) **Estudos sobre globalização, território e Bahia**. UFBA, Salvador, 2003. 17-32p.

SILVA. M. R.; SILVA, S. Modelos de crescimento regional. In: COSTA, José S. (Coord.). **Compêndio de Economia Regional**, APDR, 2002, 159-227p.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988. 250p.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Interdependências, Integração e Desenvolvimento Regional**. Relatório de Pesquisa nº 7, Porto Alegre, julho de 1979. UFRGS-IEPE/IPEA.

STIWELL, F.J.B. Regional growth and structural adaptation. **Urban Studies**, v.6, p.162-178, 1969.

STORPER, Michael. Territorialização numa economia global: possibilidades de desenvolvimento tecnológico comercial de economias subdesenvolvidas. In: LAVINAS L. et al (Orgs.). **Localização, região e regionalismo**. Bertrand, Rio de Janeiro, 1994. 311p.

WADLEY, D.; SMITH, P. Straightening up Shift-share analysis. **Annals Regional Science**, 37, 259-361. 2003.

WONG, Pablo. Globalização e virtualização da economia: impactos territoriais. In: ROJAS, Patrício Antonio Vergara (Org.). **Desenvolvimento endógeno: um novo paradigma para a gestão local e regional**. Fortaleza, IADH, 2004. 504p.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.